

ENTRE CASCALHOS E LEMBRANÇAS: HISTÓRIAS E IDENTIDADES DE ESTUDANTES DO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS NO SESC LER PALMEIRA DOS ÍNDIOS

Maria Eliane Costa Ferreira¹

Ivete dos Santos Silva²

David Willames Ferro Torres Ciqueira³

RESUMO

A escrita desse texto como objetivo central relatar vivências do Projeto Território da Identidade, desenvolvido com estudantes da turma 2025, noturna, do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) multisseriada, no SESC LER Palmeira dos Índios entre fevereiro e abril do ano de 2025. A metodologia das atividades de ensino desenvolvidas se pautou na sensibilidade e colaboração, com o intuito de contribuir para a formação escolar, identitária e fortalecimento do grupo, se ancorando em produções memorialísticas, com escritas criativas, leituras e artes que despertaram e refletiram as experiências pessoais e conhecimentos cotidianos dos discentes, propiciando momentos de compartilhamentos, situações de leituras e escritas significativas e afetivas, além do reconhecimento e legitimação da própria história. Para tanto, o trabalho apresenta a caminhada do projeto descrevendo a execução das atividades, os desafios encontrados e os momentos de construções coletivas e individuais, que resultou em uma apresentação artística do jogral “Eu sou, Você é, Nós somos” e o livreto “Retalhos das Memórias”, com textos produzidos pela turma.

Palavras-chave: Identidade, Memória, Ensino, Leitura, Escrita.

INTRODUÇÃO

Nosso ponto de partida foi a experiência de anos de trabalho com a modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e o conhecimento da realidade do território local, o bairro São Francisco na cidade de Palmeira dos Índios, onde se localiza o SESC LER da cidade, o qual tem nos mostrado desafios críticos enfrentados pelos estudantes, como o acesso ao ensino e o baixo índice de instrução, o que resulta em dificuldades na capacidade compreensiva de textos e pouco interesse pela leitura, provocando, fragilidades e uma certa

¹Licenciatura em Pedagogia em 2005 pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), mcferreira@sescalagoas.com.br.

² Licenciatura em Pedagogia em 2005 pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Pós-graduação em Psicopedagogia Institucional em 2016 pela Faculdade de Ensino Regional Alternativo (FERA) e Pós Graduação em Psicopedagogia Clínica em 2016 pela Faculdade de Ensino Regional Alternativo (FERA), isantos@sescalagoas.com.br.

³ Licenciatura em Educação Física em 2019 pela Faculdade Católica São Tomás de Aquino (FACESTA) e Bacharelado em Educação Física em 2021 pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI), dciqueira@sescalagoas.com.br.

aversão à produção de textos, com dificuldades de escrita até do próprio nome, além de ser uma turma inicial.

Essa modalidade da Educação Básica Brasileira, a EJA, é assegurada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDBEN- 9394/96, como um direito público constitucional e subjetivo. Na prática, ela é composta por uma pluralidade de sujeitos, além da turma ser multiseriada, evidenciando singularidades individuais e apresentando trajetórias coletivas. No caso desse relato, precisamos delimitá-lo a uma experiência de ensino do ano de 2025 na Unidade SESC LER da cidade de Palmeira dos Índios, com 31 estudantes da EJA, noturno, todos moradores da cidade, com faixa etária entre 25 e 78 anos.

Nesse cenário educacional é importante dialogar e reconhecer a legitimação de todas essas identidades, as quais são entrelaçadas por memórias, experiências e narrativas subjetivas. Buscando conhecer os estudantes (através do passado), e seus anseios do que está por vir, foi desenvolvido entre fevereiro e abril de 2025 o Projeto Território da Identidade, que objetivou refletir sobre identidades, alfabetização e trajetórias de vidas, conhecendo relatos das memórias que constituem a história de cada um, além de estimular o desenvolvimento da escrita e expressão pessoal com relatos autobiográficos trabalhando com as diferentes áreas do conhecimento em torno da construção da identidade, valorando o estudante a protagonista.

Luis Rufino (2009) nos apresenta que a educação é lida como fenômeno existencial na articulação entre vida, arte e conhecimento e foi nesse tripé que foram planejadas as atividades que integraram escrita memorialística, leitura e artes, valorizando os saberes cotidianos dos discentes e fomentando espaços de compartilhamentos de saberes e afetos. Seguindo esse pensamento, bell hooks (2013) nos comunica que “Ensinar é um ato teatral. E é esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para as mudanças, a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalisadoras para evidenciar aspectos únicos de cada turma” (hooks, 2013, p. 21). Foi nessa linha que se construiu as atividades evocando aspectos do cotidiano e do território, pois como nos conta Bispo (2015), a verdadeira educação brota do chão que pisamos. Intuindo que os/as estudantes se reconhecessem como agentes / participantes do processo pedagógico, propomos atividades que rastreassem os conhecimentos e expectativas dos discentes, contemplando o que Paulo Freire nos apresenta como metodologias colaborativas.

NARRANDO OS FEITOS

Pensando em dar corpo às memórias e sonhos, as atividades foram desenvolvidas embasadas em metodologias colaborativas, Libâneo (1984) destaca que “aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica dessa realidade” (Libâneo, 1984, p. 35), nesse sentido as atividades foram construídas de modo que o estudante foi evidenciado enquanto autor da própria história, a medida em que colaborava com a produção e disseminação do conhecimento do outro, pois como nos diz Paulo Freire “(...) a educação se refaz constantemente na práxis. Para ser tem que estar sendo” (Freire, 2005, p.84).

Isso coube para pensarmos e estruturarmos as atividades do projeto com ênfase para o Baú das Memórias que se propôs conhecer e acolher a história de cada um em uma roda de conversa, a qual durou cerca de 1h e 20min. Na ocasião, os discentes estavam sentados em círculo e passando por eles uma caixa vermelha, que continha a seguinte frase: “Conte-nos histórias que marcaram sua vida, desde a infância”. O momento ocorreu mediado pelo que conhecemos da brincadeira “batata quente”, que é lúdica e interativa - no caso, a caixa era a “batata quente”. A música “Aquarela”, de Toquinho, foi a trilha sonora (em BG, som baixo). Enquanto a caixa passava de mão em mão, a música foi parando de forma estratégica para que todos participassem. A atividade proporcionou um momento de resgate e compartilhamento de lembranças.

Cada um relatou sua vivência e reconheceu rastros de superação, força, cuidado, sofrimento, angústia e alegria, como é constatado em fragmentos de relatos dos/as participantes: “Meu pai não me deixava estudar nem brincar, as brincadeiras da minha infância era arrancar mato com a enxada, depois fugi, me casei e foi pior. Hoje aqui no SESC é essa coisa maravilhosa que eu posso escrever”. Percebe-se que, mesmo a educação prevista na Constituição Federal de 1988 pelo artigo 205, como um direito de todos e dever do Estado, da Família e da sociedade, esse exercício da cidadania ainda se limita a algumas pessoas, por isso a importância de momentos assim no projeto, com ações educativas que promovem o sentimento de pertencimento e a valorização do EU por meio da inclusão social, além de despertar habilidades como a eloquência, apresentação pessoal e respeito mútuo.

Vale destacar, que em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (Lei nº 13.709/2018), no momento da matrícula institucional na Educação de Jovens e Adultos (EJA) do SESC, os(as) estudantes firmam um Termo de Autorização Múltipla no qual consentem, de maneira livre e esclarecida a captação e utilização de sua imagem e voz

para fins exclusivos de divulgação das práticas pedagógicas e das atividades institucionais promovidas pelo Programa SESC LER. Tal autorização é concedida a título gratuito, em caráter irrevogável e irretratável, abrangendo os direitos autorais patrimoniais eventualmente decorrentes, conforme disposições legais vigentes e diretrizes institucionais de uso. Além disso, são adotadas práticas de proteção de dados que envolvem o armazenamento seguro das informações em ambientes institucionais protegidos, o acesso restrito apenas a pessoas autorizadas, e, sempre que pertinente, a anonimização dos dados pessoais, de modo a resguardar a identidade dos(as) envolvidos(as) e garantir o uso ético e responsável das informações coletadas.

Figura 1 - Momento da atividade Baú da Memória realizada no dia 23 de abril de 2025



Fonte: Produzida pelos autores (2025)

Outro momento de grade valia na formação educacional da turma com esse projeto foi a estimulação de ideias, escritas e criatividade com a atividade Retalhos das Memórias, cujo objetivo foi o desenvolvimento da escrita e expressão pessoal, refletindo as raízes e experiências dos estudantes por meio de relatos autobiográficos, que compõem, hoje, o livreto Retalhos das Memórias, bem como a Teia da Vida. A proposta da atividade Retalhos das Memória foi que cada um escrevesse em um “retalho” de folha a partir da seguinte enunciação: “Quem eu fui, quem eu sou”.

Para isso, em uma roda de conversa, foi utilizada a frase disparadora na intenção de suscitar percepções de si a partir da oralidade; em seguida foi indicada uma produção textual que contemplasse as falas, trabalhando a transposição da linguagem (da oralidade para a escrita), o que durou em média 2h, pois o processo apresentou questões diversas como timidez e até bloqueio de fala por alguns estudantes. Como exemplo disso, podemos replicar alguns recortes de falas como “não tenho nada de bonito pra contar”; “não sei nem o que é isso”; “a vida é correria”. Para seguir com certa fluidez, começamos apresentando nossos próprios relatos, nos colocando, também, enquanto participante do processo, transformando-o em uma conversa cotidiana que a certo modo aparentava informal, mas era trabalhado

socialização, resgate de memórias, construção identitária e fortalecimento de vínculos dos estudantes entre si e entre eles e nós professores.

A medida que surgiam as memórias, foi possível acolher as vivências e trabalhar o reconhecimento de lutas e superações que foram costuradas pelas atividades que realizamos. Por exemplo, logo após a socialização, deu-se o momento da escrita a fim de que eles próprios registrassem suas vivências. Nesse recorte apareceram alguns impasses, como a dificuldade de organização das ideias no processo da escrita e, desse modo, em coletividade fomos contemplando o processo de alfabetização com a oralidade e estímulos visuais. Nesse processo, era dito por eles a palavra que “não sabiam como escrever” e, a partir disso, a palavra era escrita no quadro ao tempo em que íamos à mesa do estudante com o alfabeto móvel em madeira, apresentando as letras da palavra, dando espaço para que ele manuseasse as letras a fim de compor a palavra. Tal estratégia apoiou o desenvolvimento da escrita auxiliando na compreensão em relacionar as emissões sonoras com as letras.

Pensando em ampliar os conhecimentos sobre os participantes e trabalhar a escrita e a coordenação motora, por meio de experiências manuais e cognitivas, segundo nos indica Piaget (2013) quando afirma que “a inteligência sensório-motora inicia-se com a construção do objeto permanente e do espaço prático” (Piaget, 2013, p. 70).

Figura 2 – Etapas do projeto



Fonte: Produzido pelos autores. (2025)

Assim, foi proposta a atividade Teia da Vida, que buscou trabalhar com a arte, envolvendo-os no processo de tecer o cordão no arco e produzir a colagem. O momento aconteceu no dia posterior à atividade Retalhos da Memória. E, como uma sequência nessa atividade os estudantes foram estimulados a levar para a aula registros fotográficos de momentos que consideram importantes e apresentá-los para a turma fazendo um breve relato oral sobre eles. Após isso, cada estudante elegeu um único registro para colar na teia. À medida que cada participante terminava de contar a história de sua foto, ela era colada, com

o auxílio dos docentes. Para melhor ilustrar esse processo, seguem colagens produzidas por nós, com rastros dos momentos vividos na produção do livreto.

As atividades propostas evocaram memórias proporcionando reflexões sobre nossas ações cotidianas, ao passo que possibilitou ressignificações dos acontecimentos relatados e construção de perspectivas futuras, pois como nos conta Paulo Freire (1997) “formar é muito mais do que simplesmente treinar o educando no desempenho de destrezas. É formar para a autonomia e para a cidadania” (Freires, 1997, p. 25).

Após esse momento foi proposto que os alunos formassem duplas para o jogo da velha, realizado na lousa, no papel e depois no pátio da escola. Durante a prática foi perceptível como o corpo se torna um meio potente de expressão de identidade e da memória, criando estratégias para vencer. A regra do jogo da velha tradicional utiliza-se a letra “X” ou o círculo “O” para delimitar onde cada equipe irá demarcar seu território. Entretanto, na versão do jogo da velha humano utilizamos cones de duas cores diferentes para que a equipe pudesse delimitar sua marcação. Para demarcar as casas de pontuação do jogo utilizamos bambolês. Dividido os discentes em dois grupos, as regras foram explicadas para que os grupos formassem sequências de três componentes iguais na mesma linha, posicionados de forma diagonal, vertical ou horizontal, com o intuito de marcar pontos. Também adicionamos uma distância do ponto de partida até os bambolês que formam o jogo da velha no chão fazendo com que o discente se locomovesse e pudesse se movimentar, trabalhando o corpo de forma geral com a caminhada ou corrida.

Em sequência, além das brincadeiras, emergiram lembranças as memórias através da música e da dança. Para tanto, misturou-se os gostos musicais do passado com os do presente, cuja predominância de gênero musical é o forró. A música da turma do Balão Mágico “Superfantástico”, de 1983, se destacando ecos de lembranças vivas de muitas histórias ali presentes. Enquanto a versão mais atual do trio Virgulino, da mesma canção, uniu o passado com o presente em um xote de muita animação. Vale pontuar que o suporte dos discentes mais ativos para com os que estavam com dificuldades evidenciou o senso de comunidade existente até mesmo entre alunos que não possuem vínculos diretos. O condicionamento físico também foi um dos pontos altos para o sucesso da atividade.

REFLETINDO AS MEMÓRIAS E APRENDENDO

Entre caminhos de pedras e poeiras, emergiram histórias, memórias e vozes que, muitas vezes, permanecem silenciadas. Cada cascalho apresentou não apenas um fragmento

do chão que pisamos, mas um pedaço da identidade coletiva que nos constitui enquanto sujeitos sociais. Essa jornada permitiu não apenas visitar o passado, mas também ressignificar o presente. No caminhar das produções, foram surgindo momentos de reflexões. Foi como abrir uma janela para dentro de cada um e acessar encontros, lutas e superações. Os estudantes ecoaram vozes marcadas por um tempo histórico e, juntos, foi possível refletir sobre suas trajetórias, reconhecer e valorizar os sentimentos, saberes e conquistas produzidas cotidianamente. Ouvimos sobre sentimentos de saudade, pertencimento e descobertas que se misturam às reflexões. O envolvimento deles nas atividades evidenciou que, quando se parte do território simbólico e afetivo de cada um, é possível trabalhar conexões entre escola, território e sociedade, utilizando saberes cotidianos para construir e aperfeiçoar conhecimentos outros, como a leitura e a escrita.

Nesse contexto, a identidade se faz e se refaz entre os cascalhos da vida e as interações: com o outro, com o território e com os objetos. Por isso, a principal aprendizagem para nós é que o processo educativo na EJA vai muito além da transmissão de conteúdos formais. Ele é, acima de tudo, um processo de reconhecimento, escuta e valorização de histórias de vida, principalmente por ser uma modalidade que trabalha com práticas de ensino voltadas a pessoas com idades avançadas. E foi pelas produções textuais, leituras compartilhadas e atividades artísticas que os estudantes se sentiram motivados e confiantes quando suas experiências foram compartilhadas e reconhecidas. Aprendemos que metodologias baseadas na afetividade e na criação coletiva são capazes de gerar um ambiente de pertencimento e respeito mútuo, suscitando coragem e determinação para novos pontos de partida - essenciais para o desenvolvimento integral dos sujeitos.

A culminância do projeto, com a apresentação do jogral e apresentação do livreto, evidenciou o quanto é possível transformar o ambiente educativo em um espaço de celebração e construção da identidade. Os discentes apresentaram bons resultados no que se refere à escrita e à leitura, principalmente quando as atividades se relacionavam aos seus cotidianos. Fomos felizes com a escolha de metodologias ativas, pois eles demonstraram grande envolvimento com as atividades. O encerramento um momento de reconhecimento e superação. No início, na atividade “Baú das Memórias”, a maioria dos discentes apresentava resistência, vergonha de falar e alguns até demonstravam sentimentos de inferioridade. No entanto, por meio da valoração trabalhada nas atividades, no encerramento do projeto fomos contemplados com superações, expressas em uma belíssima apresentação, do jogral “Eu sou, você é, nós somos”, com falas que também compõem o livreto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com os aprendizes da EJA noturno tem sido uma experiência profundamente transformadora, tanto para eles quanto para nós. No projeto, percebemos que, por meio das rodas de conversa, os estudantes passaram a desenvolver mais segurança para construir e compartilhar seus relatos de vivência na Unidade SESC LER Palmeira dos Índios. Trata-se de um processo de reconstrução de histórias, resgate de sonhos e fortalecimento da autoestima daqueles que, por diferentes razões, tiveram seus caminhos na educação interrompidos ou sequer conseguiram iniciá-los e que agora seguem, com determinação e coragem, na trilha do conhecimento.

Muitos alunos chegaram inseguros, receosos de não conseguirem acompanhar as atividades. Mas, com o tempo, a paciência e as nossas intervenções, foram se permitindo aprender, errar e tentar novamente. As atividades resultaram na construção do livreto com o relato de suas vivências sendo ponte entre o conhecimento e suas trajetórias pessoais. Além dos conteúdos assimilados, o maior ganho foi o envolvimento, o sentimento de pertencimento e a confiança que cada aluno passou a ter em si mesmo. Ver a alegria em seus rostos ao completar uma atividade, o brilho no olhar ao ler um texto em voz alta, sem dúvidas, foi a maior recompensa. Aprendemos muito com cada história, com cada esforço, com cada conquista. Eles nos mostraram o quanto o conhecimento liberta e que a educação tem o poder de transformar vidas. É também importante destacar que metodologias ativas fazem toda a diferença na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**: Da Educação, da cultura e do desporto, Capítulo 3, Brasília, DF: Edições Câmara: 2018.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Ana Luiza Libânio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública, a pedagogia crítico social dos conteúdos**. 9.ed. São Paulo: Loyola, 1984.

PIAGET, Jean. A Psicologia da Inteligência. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2013

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos**: modos e significados. Brasília: INCTI – UNB, 2015.